

Estratégias de ação e manipulação tópica: o embate de perspectivas em uma entrevista jornalística

Erik F. Miletta Martins*

Resumo

Neste artigo procuramos relacionar, nos planos teórico e analítico, as noções de Contexto e Tópico Discursivo enquanto categorias fundamentais à análise e descrição sociocognitiva do trabalho interpretativo dos participantes em uma interação diante do material verbal e não verbal disponibilizado. Em nosso percurso, assume-se que essas noções são imprescindíveis à ancoragem e estabilidade de sentidos em fenômenos responsáveis pela categorização referencial, na qual é estabelecida uma relação sociocognitiva entre uma referência linguística e os objetos/ eventos do mundo. Para atingirmos nosso objetivo, realizamos uma análise das estratégias de ação e manipulação tópica empregadas no contexto de uma entrevista jornalística, realizada ao vivo e em estúdio, marcada por uma divergência, entre entrevistadores e entrevistado, no enquadre dos referentes topicalizados. Em nossas considerações finais, sugerimos que a relação entre as noções de contexto e tópico discursivo está atrelada à progressão da interação (em termos de emergência e de incorporação de campos simbólicos) e ao desenvolvimento de modelos mentais de contexto apropriados a essas estratégias, além de apontarmos para os efeitos de sentido derivados das estratégias de ação e manipulação tópica no dado selecionado.

Palavras-chave: Contexto. Categorização. Tópico discursivo. Estratégias textual-interativas. Sociocognição.

1. Contexto, discurso e categorização

1.1 Introdução: O estatuto sociocognitivo da noção de contexto e o problema da inferência

Não é raro o caso em que a noção teórica de contexto cumpre um papel coadjuvante àqueles que se debruçam sobre o problema do funcionamento de qualquer fenômeno (social, linguístico, político, antropológico, biológico, físico

* Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.

etc.) e sua significação dentro de um recorte epistemológico específico. A principal característica da noção de contexto remete, nesses casos, àquilo que, supostamente, não faz parte do fenômeno em si e, portanto, está fora do alcance de sua própria ferramenta analítica.

Se, por um lado, esses usos da noção de contexto tendem a enriquecer o entorno analítico de um fenômeno, agregando maior coerência e alcance à ferramenta que ele complementa, por outro, obliteram uma discussão sobre o estatuto epistemológico e, também, fenomenológico, dessa noção no campo dos estudos da linguagem. Por essa razão, diversos estudos vêm questionando-se sobre esses limites e propondo alternativas a seu papel na composição da significação ao longo das diversas práticas simbólicas humanas. Nesses estudos, a maleabilidade e versatilidade dessa noção, aplicada de maneira intuitiva em outros quadros teóricos, está ligada a um caráter regulador entre diferentes instâncias dos fenômenos da significação emergentes no uso da língua.

As investigações de crivo linguístico-interacional, dentre as quais se insere este artigo, costumam enfatizar a ubiquidade da noção de contexto para a constituição e manifestação de um fenômeno da significação, em um quadro teórico no qual essa noção é tida como um processo interativo, relativo às interpretações situadas dos falantes cujas inferências dão-se através do reconhecimento de pistas de contextualização (cf. COOK-GUMPERZ; GUMPERZ, 2011), ou como um fenômeno sociocognitivo (cf. VAN DIJK, 2012) relativo a construtos intersubjetivos concebidos passo a passo em uma interação.

De um ponto de vista teórico e metodológico, a noção de contexto aqui reivindicada adquire um caráter processual e indissociável de outras práticas, e dá margens para tratarmos da “inter-relação funcional” (MORATO; KOCH, 2003, p. 83) entre linguagem e cognição ao longo da produção de sentido. Assim, discute-se aqui o estatuto sociocognitivo da noção de contexto através da relação entre as noções de categorização e de discurso, fundamentais para darmos conta da tensão entre os diversos níveis de contexto atuantes na inferenciação e, portanto, responsáveis pela progressão textual em seus diversos níveis (referencial, temático e tópico).

Por meio da descrição e análise do percurso linguístico-inferencial trilhado pelos interactantes, revelado pelo emprego de estratégias textual-interativas variadas, como suas ações tópicas, procura-se mostrar que a inferenciação e sua relação com o contexto não se limita à interpretação de pistas de contextualização

(como a prosódia ou a seleção lexical, cf. GUMPERZ, 1998), ao emergir em meio a processos textuais de categorização e recategorização referencial e da constituição de representações semânticas construídas localmente. Assim como as pistas de contextualização, esses processos possuem natureza reflexiva e indexical (cf. AUER, 1992), mas compreendem configurações sociais incorporadas ao contexto em que emergem as dimensões implícitas da significação. Tais dimensões são responsáveis por ancorar (MARCUSCHI, 2005) ou situar em um domínio referencial os variados modelos de conhecimento acionados e construídos em uma interação e conduzem em larga escala as práticas discursivas de categorização de referentes.

Ao longo desse processo, o percurso linguístico-inferencial, segundo Gumperz, consiste em uma relação entre “o que é dito a qualquer hora e em qualquer lugar com o conhecimento adquirido através de experiências passadas”. (GUMPERZ, 1992, p. 230, tradução nossa). Embora o caráter geral dessa proposta esteja em consonância epistemológica com reivindicações atuais de natureza sociocognitiva sobre a noção de contexto (cf. VAN DIJK, 2012), algumas de suas dimensões concretas, como o papel e a projeção de conhecimentos partilhados, vêm sendo rediscutidas (cf. MARCUSCHI, 2008) e reconfiguradas através da integração entre as macro e microestruturas contextuais (cf. COOK-GUMPERZ; GUMPERZ, 2011) e seus efeitos para as práticas discursivas.

Se concordarmos com a afirmação de que o contexto tem a ver com “um estado de coisas que em parte está organizado *a priori*, e em parte com uma significação que vem de sua própria organização” (MORATO, 2008, p. 83), podemos agregar uma dinâmica necessária à relação entre as expectativas dos falantes, suas suposições, e o desenvolvimento da interação. Nesse quadro, os cálculos inferenciais, tanto os de base textual quanto os de base contextual (cf. MARCUSCHI, 2008), promovem a construção situada de novas informações semânticas fundadas e ativadas em meio a conhecimentos partilhados e enquadres comuns. Ao mesmo tempo, tornam-se índices relevantes para a configuração contextual ao veicularem proposições de caráter implícito, mas reconhecidas pelos participantes. Depreende-se, pois, que muitas das informações geradas em um (con)texto e relevantes à interação são de natureza implícita e atuam de maneira indireta, ao fundarem-se no reconhecimento de similaridades não assinaladas/explicitadas pelos participantes, mas que garantem estabilidade (em diversos níveis) e sequencialidade a essa interação.

Assim definida, a noção de contexto compreende um arrazoado baseado na

relação dialética entre a objetividade dos fenômenos e a subjetividade de sua interpretação. Esse arrazoado é defendido por diversos autores, como Van Dijk (2012), para quem a noção de contexto refere-se a “construtos intersubjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos ou comunidades”. (VAN DIJK, 2012, p. 11). Esses construtos são fruto da interação entre as contingências materiais (como as estruturas objetivas da interação social responsáveis por delimitar os papéis assumidos pelos falantes ao longo do discurso) e as interpretações individuais dessas contingências. Essas interpretações, por sua vez, são restringidas por modelos mentais únicos, formados pela experiência subjetiva. Assim proposto, contexto é um tipo específico de modelo da experiência humana, no qual se representa uma interpretação da situação comunicativa definida em termos de “modelos de contexto”, enquanto “esquemas de categorias¹ compartilhadas, convencionais”. (VAN DIJK, 2012, p. 35).

Há de se notar, contudo, que a proposta de Van Dijk, por uma questão de escopo, não oferece muitas ferramentas para darmos conta da relação entre as macro e microestruturas do contexto atuantes na inferenciação e, assim, adensarmos o problema da projeção de conhecimentos partilhados. Antes de abordarmos essa questão, porém, faz-se necessário adentrar as dimensões da significação em que a inferenciação atua de maneira a controlar a instabilidade de sentidos própria à categorização.

1.2 Contexto, discurso, categorização e o problema da instabilidade referencial

Em face de uma hipótese sociocognitiva sobre a noção de contexto, torna-se pertinente evocar a noção de categorização desenvolvida no campo da Linguística Textual-Interativa por autores como Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2003), Ingedore Koch (2004) e Luiz Antônio Marcuschi (2006, 2008). *Grosso modo*, a hipótese fundamental às investigações dessa área também assume um papel constitutivo da linguagem frente à cognição e, assim, à experiência humana socialmente organizada, compartilhada por membros de uma comunidade linguística. Para a sustentação dessa hipótese, admite-se uma grande flexibilidade

¹ Algumas dessas categorias são: Tempo, Lugar, Participantes (Identidades ou Papéis), Ação, Propósitos e o Conhecimento.

nessa relação ao longo dos processos de categorização referencial, uma vez que “os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à construção de categorias flexíveis, *ad hoc* e úteis a todos os fins práticos...”. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 24).

Ao longo desses processos, manifestados pelo emprego de estratégias textuais,² os modelos de contexto podem vir a funcionar enquanto uma interface entre os modelos mentais ativados (cf. KOCH, 2004) ao longo da categorização referencial, e o discurso, responsável por controlar sua produção e a compreensão. Essa “força influenciadora” (VAN DIJK, 2012, p. 170) está na base das representações ou construções que os membros da sociedade fazem de determinada estrutura social, e garante alguma estabilidade inferencial em meio à instabilidade da relação entre as categorias de organização do mundo e seus elementos de representação.

Assim definida, e tomada sempre em seu aspecto processual, a noção de contexto revela-se promissora para a análise de um episódio interacional protagonizado por distintos processos de categorização dos eventos e participantes de uma série de fenômenos sociais ocorridos em Londres durante o mês de agosto do ano de 2011. De maneira específica, observaremos uma entrevista veiculada à época desses eventos, na qual emergem categorizações referenciais conflitantes (entre entrevistado e a linha editorial do programa, mantida pelos entrevistadores) sobre esses eventos e seus participantes. Como veremos, os diferentes enquadres ideológicos desses referentes ativam *objetos de discurso* em domínios referenciais distintos, dando ensejo a uma disputa pelo tópico discursivo, manifestada pelas estratégias dos entrevistadores em evitar que as informações veiculadas pelo entrevistado adquiram relevância e concernência tópica.

Para entendermos melhor a origem e o desenvolvimento dessas conceptualizações divergentes, é preciso tratar de uma questão pouco desenvolvida³ por Van Dijk (2012), mas de caráter fundamental à compreensão da integração entre as variadas dimensões focais responsáveis por contextualizar a significação de um fenômeno. Falamos, aqui, da integração entre as micro e macrodimensões contextuais e seus efeitos ao longo das práticas discursivas.

2 Passíveis de serem definidas em meio aos processos fóricos (anáforas associativas, rotulações, encapsulamentos, etc.) necessários à manipulação tópica.

3 Justamente por uma questão de escopo, esse autor trata pouco dessa questão por ter em foco a problemática relação entre contexto, discurso e cognição. Já W. Hanks procura entender melhor o efeito da integração dessas dimensões às próprias instituições socioculturais que fazem parte de um contexto.

1.3 A integração entre as macro e microdimensões do contexto

O antropólogo norte-americano William Hanks, em um artigo de 1999,⁴ apresenta um breve histórico sobre a noção de contexto e divide-a em dois grandes blocos, entendendo que tanto um quanto outro apresentam limitações teórico-analíticas.

Por um lado, principalmente no campo dos estudos linguísticos de variadas inclinações (como a Psicolinguística e a Análise da Conversação), esse autor aponta para o emprego do termo contexto como “uma estrutura radial cujo ponto central é o enunciado falado...”. (HANKS, 2008, p. 171). Nesse caso, Hanks critica a abstração analítica dessas correntes, pois pressupõem um falante idealizado, implicando em uma redução de complexas estruturas sociais a comportamentos individuais. Trata-se, em, outros termos, de “microcontextos” construídos pela própria enunciação e cuja historicidade reduz-se ao próprio momento da ocorrência dos fenômenos.

Por outro lado, Hanks aponta para as correntes em que o escopo sócio-histórico desconsidera as diferenças individuais. Trabalhando com categorias analíticas como “comunidades”, “classes sociais”, “sexo”, “idade” etc., essas perspectivas, dentre as quais o autor cita a Análise Crítica do Discurso e a Sociologia (especialmente nos trabalhos de M. Foucault), tratam de coletividades como responsáveis por certa homogeneização do discurso: “os sistemas de referência explicativos são as condições sociais e históricas que são anteriores à produção do discurso e que o restringem”. (HANKS, 2008, p. 172).

De um lado ou de outro, Hanks considera haver uma polarização sobre essas noções de contexto, o que oblitera possíveis explicações mais ricas para qualquer fenômeno a ser contextualizado. Por isso, no quadro da Antropologia Linguística, a noção de contexto busca integrar esses diferentes níveis de contextualização. Assim como no raciocínio de Van Dijk, Hanks também segue um arrazoado dialético para a integração desses diferentes níveis: “as práticas discursivas são configuradas e ajudam a configurar os contextos em vários níveis” (HANKS, 2008, p. 174). Vale notar, contudo, que para Van Dijk a influência das macroestruturas (de caráter societal) na produção do discurso dá-se de maneira indireta (VAN DIJK, 2012, p. 113), enquanto as microestruturas (organização da interação) possuem influência direta.

4 Embora publicado em 1999, tomaremos como referência a tradução para o português publicada em 2008 em uma coletânea de textos traduzidos do autor.

Em sua proposta, William Hanks designa duas dimensões básicas para a descrição teórica do contexto: a emergência e a incorporação. Grosso modo, a primeira designa aspectos do discurso emergentes de sua produção e recepção, enquanto processos em curso. Essa dimensão diz respeito à atividade mediada verbalmente, à interação, à copresença, à temporalidade, em um contexto restrito como um fato sensível (em termos fenomenológicos), social e histórico. A segunda diz respeito à relação entre aspectos contextuais relacionados ao enquadramento (*framing*) do discurso, sua centração ou assentamento (*groundedness*) em quadros teóricos mais amplos. Para Hanks, esse processo não é apenas um acréscimo relativo ao entorno de um fenômeno interacional, pois em qualquer nível (como o campo demonstrativo, a situação e o cenário), o contexto é constituído de relações de incorporação.

Como podemos perceber, ambos os autores, apesar de suas diferenças de foco, propõem que o contexto é resultado da integração de diferentes instâncias inter-relacionadas de maneira constitutiva, não havendo polarização em qualquer um desses escopos: “Entretanto, a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferentes, como qualquer historiador sabe, assim com a incorporação aplica-se a campos mais locais de produção do enunciado”. (HANKS, 2008, p. 175).

Assim definida, a integração entre essas dimensões pode ser mais adensada ao aproximarmos a noção de contexto a uma noção cara aos estudos que procuram relacionar texto e cognição; a noção de tópico discursivo. Com esse movimento, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de ferramentas teórico-analíticas responsáveis por dar maior consistência à relação entre discurso, cognição e contexto, pela qual procuramos estudar as unidades linguísticas de construção de sentido.

2. O tópico discursivo: o lugar do contexto no discurso ou o lugar do discurso no contexto?

Assim como a noção de contexto, a noção de tópico discursivo apresenta-se – enquanto um fenômeno de natureza discursiva – como algo intuído,⁵ deduzido e esquematizado pelos participantes de uma interação, mas que “não faz parte”, na maioria das situações, da materialidade linguística de um texto. Também apresenta

⁵ Em uma interação, discrepâncias sobre a definição tácita do tópico podem levar tanto a seu abandono quanto a sua redefinição em termos metadiscursivos.

um caráter consensual, pois os usuários têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico (cf. PINHEIRO, 2006, p. 44).

Dado seu caráter intuitivo e consensual, definir o tópico discursivo de um texto revela-se como tarefa árdua a quem se dedica a identificá-lo e relacioná-lo às evidências linguísticas. As mínimas discrepâncias sobre o conhecimento do contexto em que emerge um tópico discursivo podem levar a categorizações e, por consequência, nomeações bastante distintas, pois essas relações discursivas são altamente instáveis do ponto de vista conceptual e “sua nomeação envolve o conhecimento sobre um complexo de fatores contextuais: circunstâncias, conhecimento recíproco, conhecimentos partilhados, visão de mundo, pressuposições”. (PINHEIRO, 2006, p. 44).

Essa unidade discursiva apresenta duas propriedades regulares, a centração e a organicidade. Como aponta Jubran (2006), suas particularidades assentam-se na integração de enunciados dentro de um conjunto relevante de referentes, e cujos limites são dados pela proeminência e relevância desse conjunto em determinado ponto do texto. (JUBRAN, 2006, p. 34).

A centração diz respeito a um “conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância em determinado ponto da mensagem”. (JUBRAN, 2006, p. 35). Segundo a autora, essa propriedade apresenta três características: i) Concernência: relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal. ii) Relevância: proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais. iii) Pontualização: localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos.

Para essa autora, esses traços compõem os critérios a serem aplicados para o isolamento de certas unidades textuais para o reconhecimento do tópico, os segmentos tópicos, posto que materializam, na superfície linguística do texto, o princípio da centração.

Já a organicidade é uma propriedade do tópico discursivo que se manifesta por relações de interdependência tópica, estabelecidas, simultaneamente, em dois planos: i) Hierárquico (vertical), de acordo com as dependências de super- ou subordenação entre tópicos, que se implicam pelo grau de abrangência com que

são tratados na interação ii) Linear (horizontal): de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos no discurso. Atualmente, essa propriedade vem sendo empregada de forma a abranger também as articulações intratópicas, relativas à organização interna de um segmento tópico.

Entre tópico discursivo e o contexto: metodologia para articulação e análise de estratégias interacionais

Apresentadas as principais características das duas grandes categorias teórico-analíticas que embasam nossa investigação, vejamos como elas podem ser empregadas para a melhor compreensão do fenômeno da categorização referencial, aqui analisada por meio do levantamento de variados processos de contextualização relevantes em uma entrevista jornalística muito comentada à época de sua difusão, dadas as divergências de ponto de vista entre a linha editorial do programa e o entrevistado.

Do ponto de vista metodológico, o registro do vídeo, disponível via internet, foi realizado com o uso da ferramenta de captura “Anytube downloader”. Em seguida, transcrevemos a íntegra do áudio (ver anexo), de acordo com o sistema empregado no Projeto NURC, adaptado para fins de análise, como a inserção de ferramentas de notação dos fenômenos focalizados: processos referenciais (**negrito e itálico**), segmentos tópicos relevantes (sublinhado).

Em nossa análise, chamamos primeiramente atenção às escolhas lexicais dos participantes, responsáveis tanto pela ativação de *objetos de discurso* em momentos distintos como pelo preenchimento de núcleos sintagmáticos de expressões referenciais. A coleta desses itens é significativa para defender a ideia de que a entrevista dá-se em meio a enquadres divergentes dos referentes topicalizados, expediente fundamental para analisarmos as estratégias de ação e manipulação tópica efetuada pelos participantes. Em seguida, destacamos e analisamos os segmentos tópicos em que podem ser descritas as estratégias de ação e contração tópica dos participantes, responsáveis por configurar uma disputa em torno da nomeação adequada dos referentes topicalizados, cuja relação de continuidade/descontinuidade podemos ver ao longo da sequencialidade tópica do dado.

A entrevista de Caccia Bava e as estratégias de manipulação tópica em um embate de perspectivas

No início do mês de agosto de 2011, os holofotes da mídia nacional e internacional voltaram-se para a cidade de Londres, em função de uma série de eventos marcados pela violência e revolta de parcela da população britânica, em resposta ao tratamento dado pela polícia inglesa ao homicídio de Mark Duggan, no dia 4 de agosto. No dia 6, em busca de esclarecimentos sobre as circunstâncias do falecimento, cerca de 300 pessoas reuniram-se em frente à delegacia de polícia da região de Tottenham e, dada a ausência de informações sobre o caso, começaram um protesto, prontamente reprimido pelas autoridades locais. Poucas horas depois, algumas pessoas⁶ atearam fogo em duas viaturas, e o movimento espalhou-se rapidamente por toda a cidade de Londres, dando início a um episódio conhecido como *2011 London riots* (“Revoltas/Tumultos de Londres”⁷ de 6 a 10/9/2011), no qual milhares de pessoas, em sua maioria jovens, saquearam lojas, depredaram e/ou incendiaram prédios públicos e privados.

Em resposta a esses acontecimentos, o atual Primeiro Ministro britânico, David Cameron, deixou claro, em entrevista coletiva, qual a percepção do Governo Britânico e quais seriam suas ações: “Isto é criminalidade, pura e simples, e precisa ser combatida.”⁸ Nesse discurso, não há menção ao episódio do falecimento de Mark Duggan ou à postura da polícia inglesa. Essa estratégia é fundamental para a dissociação entre os tumultos e qualquer motivação social que lhes dê legitimidade. Sua emergência em outros contextos revela a incorporação dessa estratégia a discursos alinhados ao posicionamento do governo britânico, como veremos abaixo.

Tendo em foco esses eventos, na manhã do dia 10 de agosto, o canal pago de notícias das Organizações Globo, o GloboNews, exibiu uma longa matéria sobre os eventos e, em seguida, convidou o sociólogo Sílvio Caccia Bava⁹ para aprofundar o conteúdo da matéria. De modo inicial, podemos apontar que ação

6 As fontes não deixam claro se essas pessoas estavam na manifestação.

7 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tumultos_na_Inglaterra_em_2011>. Acesso em: 15 ago. 2012.

8 Tradução minha de parte do discurso de David Cameron, disponível em: <<http://www.scotsman.com/news/london-riots-david-cameron-s-speech-in-full-1-1794077>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

9 Sociólogo e coordenador-executivo do Grupo Polis, voltado ao fortalecimento da capacidade de ação autônoma da sociedade civil, como os diversos movimentos sociais reivindicatórios.

tópica do entrevistador dá-se em torno de uma definição dos atores sociais e da natureza desses eventos alinhada à perspectiva do governo britânico e de outros meios de comunicação, como a BBC de Londres:¹⁰ a criminalização dos atores sociais dos eventos, por meio da dissociação causal entre a manifestação em torno da morte de Duggan e os tumultos subsequentes. Entretanto, o entrevistado oferece informações que são pouco “coerentes com as intenções do meio de comunicação” (MARCUSCHI, 2003 citado por ESSENFELDER, 2005, p. 5), de forma que as respostas pré-pautadas, próprias a esse gênero jornalístico (cf. ESSENFELDER, 2005), não são devidamente preenchidas, obrigando os entrevistadores a alterarem suas estratégias de obtenção das informações desejadas.

Nesse percurso, os entrevistadores, ao possuírem controle sobre a ação de perguntar, procuram preservar seu “controle sobre a introdução de tópicos” (cf. SILVEIRA, 2000, p. 80), empregando estratégias variadas para manterem o controle da progressão tópica, buscando dificultar possíveis implicaturas que deslegitimem o conteúdo da reportagem previamente veiculada, por meio da seleção e extração do que pode ser relevante, dentro de seus objetivos comunicacionais, da fala de Caccia Bava.

3.2 Vândalos ou insurgentes? Uma questão de contextualização.

Para darmos início a uma análise do trabalho interpretativo dos falantes nessa interação, a observação panorâmica das seleções lexicais enquanto pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982; AUER, 1992) permite-nos definir os pontos de vista ideológicos adotados e defendidos ao longo de suas estratégias de ação e manipulação tópica. Como mencionado, a entrevista tem por objetivo agregar informações que contribuam para uma definição de dois referentes: Participantes

¹⁰ Poucos dias antes, a BBC de Londres realizou uma entrevista com o jornalista e escritor Darcus Howe, um senhor indiano de 68 anos residente em Brixton, local de violentas ondas de protestos. Nessa entrevista, de maneira similar, o entrevistado vai de frente ao ponto de vista proposto pelos entrevistadores, ao apontar que os eventos não podem ser nomeados como uma revolta (*rioting*): “não chamo isso de revolta, chamo isso de uma insurreição da massa popular”. Em consequência de seu posicionamento, a jornalista que o entrevista procura também desqualificar o ponto de vista proposto, mas, de maneira diferente à entrevista que iremos analisar, há um sem número de interrupções e quebras de turno pouco comuns para uma entrevista, no qual os sistemas de polidez são extrapolados. Na entrevista de Caccia Bava, porém, a polidez é relativamente preservada, se considerarmos que não houve uma discussão, como na entrevista de Darcus Howe, fato que, inclusive, gerou um pedido público de desculpas pela emissora pelo tratamento dado a ele. A entrevista pode ser vista em: <http://www.youtube.com/watch?v=mzDQCT0AJcw>.

e Eventos. Do ponto de vista da linha editorial do programa, o referente Eventos apresenta os seguintes itens lexicais: *caos*, *crimes*, *quebra-quebra* e *ataques*. Do ponto de vista do entrevistado, temos os seguintes registros: *revolta popular*, *insurreição*, *conflito*. Já com relação aos participantes, do ponto de vista da linha editorial temos: *criminosos*, *marginais*, *estudantes* (em férias). Já do ponto de vista¹¹ de Caccia Bava temos: *insurgentes*, *pobres*, *discriminados*, *negros*, *desempregados*, *de cor*, *de outras nacionalidades*.

Do ponto de vista textual, a interdependência entre estes itens lexicais configura o conjunto referencial do tópico discursivo, responsável pela concernência, relevância e pontualização dos referentes em foco. Também com esse levantamento é possível extrair e explicar os processos de categorização desses referentes, de acordo com o ponto de vista assumido através de sua nomeação. Observa-se, no extrato abaixo, que o tópico introduzido pelos entrevistadores é pontualizado pelo entrevistado em sua primeira resposta, na qual procura manipular o tópico discursivo dando foco maior ao referente Participantes e atribuindo menor relevância ao referente Eventos:

E1: (...) ô Sílvio como a gente viu nessas imagens... me parece que o estopim foi o protesto contra a morte do jovem nesse tiroteio com a polícia... mas o contexto social parece ter perdido né... o fundamento nessas manifestações... o que tá acontecendo (1) agora na sua visão é que pessoas e jovens estariam aproveitando o caos pra praticar crimes?

CB: ((rindo)) não... eu não vejo assim... eu acho uma surpresa inclusive a forma como o governo britânico tá encarando e analisando esses acontecimentos... transformando em bandidos e: m vândalos e: m predadores né? Milhares de jovens (2) que tão se insurgindo contra a condição mesmo que eles têm na sociedade inglesa... não é? (...) em um bairro como Tottenham por exemplo tem trinta e cinco por cento de desemprego entre os jovens de dezesseis a vinte e cinco anos... já sofreu e sofre uma presença intimidatória da polícia constante... (...) em Tottenham setenta e cinco por cento do dinheiro destinado a: projetos sociais com esses jovens foi cortado... na semana anterior dos treze centros de cultura jovem do bairro oito foram fechados... então nós tamos vendo um

¹¹ Também o entrevistado acessa itens lexicais próprios ao ponto de vista oposto, que, como podemos ver no início do dado, é atribuído ao sociólogo, que o nega prontamente e atribui esses usos a um tratamento dado pelo governo britânico como estratégia de dissociação desses eventos e alguma motivação social mais ampla, como o tratamento dado por policiais às minorias raciais em Londres: *bandidos*, *predadores*, *vândalos*, *gângsteres*.

horizonte em que esses jovens... pobres... um bairro multiétnico né?
Discriminados por suas origens... na maior parte negros

O riso inicial do entrevistado, confluindo com uma assertiva negativa, configura-se como uma pista de contextualização (cf. VAN DIJK, 2012), pela qual o entrevistado assinala o reconhecimento de uma série de pressupostos e premissas argumentativas embutidas na primeira pergunta. Nesse contexto, CB vê-se obrigado a posicionar seu ponto de vista em face da perspectiva a ele atribuída, explicitada na pergunta assinalada pelo segmento tópico (1).

A partir do emprego do item “inclusive”, no qual o entrevistado remete às proposições inferíveis junto à formulação da pergunta, procede a uma ação tópica ao estabelecer um foco no tratamento dado pelo governo britânico aos acontecimentos. Ao proceder à reorganização do modelo de contexto (inferido) proposto pelos entrevistadores, o entrevistado procura dar continuidade à sua ação tópica e centraliza o referente Participantes incorporando a seu domínio referencial um contexto de pobreza, descaso das autoridades e repressão policial. Embora não de maneira declarada, CB sugere que esse contexto poderia motivar as atitudes dos participantes, o que deslegitimaria o discurso do governo britânico sobre esses atores sociais e, por consequência, os pressupostos assumidos na formulação da primeira pergunta.

A pontualização dada por Caccia Bava confere organicidade ao tópico discursivo em torno do referente Participantes, nomeado como “jovens” tanto por ele quanto pelo entrevistador. Todavia, o entrevistado, atento à predicação dada a esse item (“aproveitando o caos para cometer crimes”) e à categorização dos eventos enquanto crimes (realizados por criminosos, diga-se), desenvolve a centração tópica ao chamar a atenção para um elemento do contexto que organiza o discurso do entrevistador, o pronunciamento de David Cameron¹² e as ações do governo britânico em face desses eventos, como pode ser visto no segmento tópico (2).

Na segunda pergunta, formulada por outra entrevistadora, a estratégia de

12 Nesse pronunciamento, Cameron define os participantes dos eventos em duas categorias: os que estão do lado da lei e da ordem (*law-abiding*) e os desordeiros e marginais (*these thugs*). Essa perspectivização de caráter legalista, na qual o Estado tem o dever de aplicar a lei para proteger os bons e punir os criminosos, está altamente incorporada no discurso adotado pelos entrevistadores, como pudemos notar na estratégia de dissociação adotada na pergunta inicial.

Caccia Bava em pontualizar o tópico discursivo em torno dos participantes revela-se ineficiente para seu objetivo de agregar um contexto do ponto de vista sociológico, e não legalista, às condições de vida desses jovens. Todavia, essa estratégia revela-se eficiente para a centração do tópico em torno desse referente, dada sua proeminência na resposta dada pelo entrevistado. Como veremos, a partir dessa ação tópica começa a emergir na entrevista um claro embate de perspectivas em relação ao enquadre ideológico desse referente. Como podemos ver abaixo, o emprego, por parte da entrevistadora, do marcador conversacional “pois é” indica, além de uma retomada de turno por parte da entrevistadora, uma espécie de sumarização (e descarte) das informações fornecidas e do modelo de contexto proposto. Contudo, a entrevistadora emprega uma estratégia aberta e indireta de polidez (cf. FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1998), na qual deixa clara sua intenção discursiva ao inserir seu enunciado dentro da mudança tópica ensejada por CB, centralizando seu enunciado sobre o referente Participantes: “quem são estes jovens?”, mas não abandonando a relação de causalidade proposta na primeira pergunta:

E2: pois é... eu acho que o que impressiona o mundo todo.. é... nestes conflitos é o grande número destes jovens e da violência toda... se eles não são marginais como cê tá falando... quem são esses jovens? São estudantes que estavam em férias e seguiram o fluxo da violência (3)?

CB: não... são jovens que não encontram emprego.. que têm dificuldade de acesso à escola.. não é? E que:: vivem toda sorte de discriminações... eu gostaria de fazer por exemplo um paralelo com o que aconteceu em dois mil e cinco em Paris .. não é? (4) (...) vamo separar o que que é:: o evento que poderia ser dito é assim a fâisca.. não é? Na palha de um contexto que é cada vez mais conflitivo e se:: e sem esperanças pra esses jovens... não é?

Em sua resposta, CB dá continuidade à contextualização do referente incorporando aos eventos de Londres um contexto mais amplo de políticas públicas europeias em relação à imigração (Segmento 4). O entrevistado procura apontar, com o uso de uma recategorização metafórica, que os protestos iniciais após a morte de Duggan não eram um evento isolado, e sim uma “fâisca na palha de um contexto conflitivo”. Ao ampliar o escopo dado ao referente Participantes, desvia-

-se do jogo referencial proposto à formulação da pergunta, no qual a violência dos eventos seria resultado de falta de ocupação do tempo de seus participantes, argumento que daria respaldo a punições rápidas e severas.

Nesses dois extratos, vimos que as estratégias adotadas para a defesa de pontos de vista não dão margens a um acordo referencial para a negociação da realidade (GOFFMAN, 1974) em torno dos fatos reportados: a partir do material verbal e não verbal disponibilizado por Caccia Bava, o percurso inferencial trilhado pelos entrevistadores emerge em meio a perguntas que visam desajustar o foco proposto por ele através da desestabilização de suas categorizações. Isso fica muito claro com a recategorização efetuada pela segunda entrevistadora em torno do *objeto de discurso* “jovens” no segmento (3). Nesse processo referencial, a categorização, inferida a partir do modelo de contexto proposto por CB, emerge em meio à incorporação de elementos estereotípicos à categoria “jovem”: “estudantes”, “inconsequentes”, “desocupados (quando em férias escolares)”.

Em uma última tentativa de agregar informações coerentes às intenções comunicativas da reportagem, uma terceira entrevistadora busca pontualizar o tópico da interação dando ênfase ao referente Eventos, dentro do qual explora novamente a relação de causalidade direta: eles estão cometendo crimes, logo, são criminosos.

Vale a pena chamar a atenção para o emprego, por E3, do marcador discursivo “agora” (cf. JUBRAN, 2006, p. 36), que atua no plano intratópico tanto na mudança de orientação relativa à informação em curso como na introdução de um dado particular do tópico, e pelo qual é retomada uma informação através de um discurso reportado:

E3: agora.. Sílvio.. o senhor falou:: vai.. não é... não são marginais né? mas eles tão cometendo crimes e é preciso agir contra esses crimes... quer dizer... como que a polícia ou o governo vai agir diante de uma população que tá fazendo uma uma... promovendo um quebra-quebra desse... mas não são marginais... são jovens que tão revoltados com a situação... quer dizer... é é::... como é que fica a sociedade nesse momento... porque:: é:: é muito angustiante você ver... pessoas de bem promovendo ataques como esse né?

CB: você também chamaria de marginais os cem mil jovens estudantes do Chile que se enfrentaram ontem com a polícia?... que dizer... e/eu entendo que há:: um impasse né?

Como se vê, CB estabelece uma segunda analogia, de caráter metalinguístico, entre os contextos incorporados aos *objetos de discurso*, na qual fica evidente a impossibilidade de um acordo referencial entre as partes e, por consequência, da continuidade tópica. Ao evocar o contexto de reivindicação de melhorias no ensino chileno, o entrevistado aponta para um amplo quadro de escassez de políticas públicas que atendam às demandas populacionais, no qual deve ser inserida a análise dos eventos ocorridos em Londres. Essa recontextualização dos referentes permite a Caccia Bava estabelecer um contraste entre as categorizações propostas pelos entrevistados, autorizando-o a concluir a sua linha argumentativa de que esses eventos não ocorrem por motivos escusos, como alega o governo britânico, mas por problemas de política pública. Ao mesmo tempo, CB cria um desacordo em relação ao próprio caráter daquela interação, ao assinalar a parcialidade ideológica da análise da jornalista em meio à retomada da referência discursiva “marginal” em uma situação que, aparentemente, não possui similaridades com a dos eventos ocorridos em Londres.

Considerações finais

Uma análise das estratégias de ação e manipulação tópica, aqui avaliadas em meio a processos de categorização referencial e através de uma noção dinâmica de contexto, deve permitir uma visão aprofundada do trabalho sociolinguístico de interpretação de diversos elementos implícitos ao longo da progressão da interação, como os domínios referenciais emergentes e incorporados à situação, fundamentais à continuidade/descontinuidade tópica. No caso analisado, vimos que essas estratégias foram altamente regidas pela percepção da emergência de um conflito, por ambas as partes, entre pressupostos discursivos e ideológicos assumidos no tratamento dos referentes enfocados pela reportagem e atribuídos ao entrevistado.

Enquanto entrevistadores buscavam agregar informações coerentes a um tipo de proposição implicada pelo contexto mais amplo da imparcialidade jornalística, o entrevistado recusa-se a contribuir dentro do mesmo domínio referencial, ocasionando uma disputa pela nomeação dos referentes e pela continuidade tópica. As operações de enquadre, de textualização e de referenciação contribuem para a determinação dos domínios referenciais, conduzidos por diversas estratégias discursivas de manipulação tópica.

A inserção de curtas descrições e narrativas sobre esses atores, ao longo de suas respostas, comparece de acordo com sua necessidade de introduzir informações ou esclarecimentos adicionais, procurando contextualizar os assuntos tratados e inseri-los no universo sociocognitivo de seus interlocutores. Essa estratégia é recorrente nesse gênero jornalístico, como nos aponta Galembeck. (2006, p. 140). No caso da entrevista aqui analisada, porém, a inserção de informações incoerentes ao ponto de vista implicitamente assumido pelos entrevistadores implica um baixo grau de colaboração para que Caccia Bava atinja esse objetivo, como visto em algumas estratégias que visavam desestabilizar as categorias por ele evocadas e deslegitimar seu ponto de vista.

Apesar das tensões que permeiam a entrevista jornalística, esse gênero interacional mantém-se relativamente estável, dado o emprego de diversas estratégias de polidez, responsáveis por guiar as estratégias de ação e manipulação tópica aqui analisadas, situando possibilidades para a formulação de perguntas e respostas de forma a evitar um conflito direto diante de um desacordo referencial e tópico. Embora garanta a preservação do gênero, todavia, a polidez nessa entrevista não determina um contexto de preservação das faces, ao sugerir um contexto de atuação intersubjetiva, no qual emergem conflitos de perspectivização.

Na entrevista de Caccia Bava à GloboNews, nota-se um grande impasse de ambas as partes ao longo da progressão tópica, em especial quando a imparcialidade da análise jornalística começa a ser assinalada pelo entrevistado. Nesse quadro, as estratégias de ação e manipulação tópica empregadas pelo entrevistado também expõem algumas das estratégias empregadas pelos jornalistas para a obtenção de informações que sustentem um ponto de vista discursivo e ideológico. Em um plano geral, isso pode ferir um acordo sobre a (não) introdução de informações contraditórias a um senso comum assumido entre o veículo de informação e um terceiro interlocutor, a audiência: “é em razão de não se perder este aliado que se procede a reformulações” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1998).

Strategies for topic action and manipulation: the clash of perspectives in a journalistic interview

Abstract

In this article we seek to relate, at the theoretical and analytical levels, the notions of Context and Discursive Topic as fundamental categories for the description and analysis of the interpretive sociocognitive work of participants in interaction in face of available verbal and non-verbal material. In our path, it is assumed that both notions are indispensable for anchoring and stabilizing senses along phenomena responsible for referential categorization, in a sociocognitive relation is established between a linguistic reference and the world's objects/events. To reach our goal, we conducted an analysis of strategies in discursive topic action and manipulation applied in a journalist interview context, presented live in a studio, marked by a divergence between interviewers and interviewed along framing topicalized referents. In our final words, we suggest that the relation between Context and Discursive Topic is rooted in interaction's progression (in terms of emergency and embedment of symbolic fields) and in the development of mental context models typical of these strategies. We also point to the effects on meaning derived from these topic action and manipulation strategies in the selected data.

Keywords: Context. Categorization. Discursive topic. Textual-interactive strategies. Sociocognition.

Referências

AUER, Peter. Introduction: John Gumperz' approach to contextualization. In: AUER, Peter; DI LUZIO, Aldo (Ed.). **The contextualization of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 1-39.

COOK-GUMPERZ, Jenny; GUMPERZ, John J. Commentary: Frames and contexts: another look at the macro-micro link. **Pragmatics**, v. 21, n. 2, p. 283-286, 2011.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVel**, v. 3, n. 4, p. 1-23, mar. 2005. Disponível em: < <http://www.revel.inf.br/pt>>.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. de O. Discurso e interação: a polidez nas entrevistas. In: Colóquio internacional a investigação do português da África, América, Ásia e Europa: **balanço crítico e**

discussão do ponto actual das investigações. Berlim, 23 a 27 de março de 1998. No prelo.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 135-142, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

GUMPERZ, John J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 229-252.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119. Original publicado em 1982.

GUMPERZ, John J. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi Ehernberger (Ed.). **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell. 2001.

HANKS, William F. O que é contexto. In: BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato C.; MACHADO, Marco Antônio R. (Org.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Cortez: São Paulo, 2008. Original publicado em 1999.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 11, p. 79-91, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso**

e **categorização**: uma abordagem dos processos de referência. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. Coleção Clássicos da linguística: Referência. Original publicado em 1995.

MORATO, Edwiges Maria. O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. **Investigações**. Investigações, UFPE, v. 21, p. 81-97, 2008.

MORATO, Edwiges Maria; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a lingüística e as ciências cognitivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 44, p. 85-91, 2003.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n.1, p. 43-51, 2006.

SILVEIRA, Sônia Bittencourt. Ações tópicas e papéis discursivos em entrevistas de emprego. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 79-89, 2000.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012. Original publicado em 2008.

Anexo

E1: Entrevistador 1 (estúdio RJ) / E2: Entrevistador 2 (Estúdio SP) / E3: Entrevistador 3 (Estúdio RJ)/CB: Caccia Bava

E1: a gente vai agora conversar com nosso entrevistado... a gente recebe o sociólogo Sílvio Baccia.. Caccia Bava melhor dizendo... muito bom dia Sílvio

CB: bom dia

E1: Sílvio está no nosso estúdio em São Paulo... ô Sílvio como a gente viu nessas imagens... me parece que o estopim foi o protesto contra a morte do jovem nesse tiroteio com a polícia... mas o contexto social parece ter perdido né... o fundamento nessas manifestações... o que tá acontecendo agora na sua visão é que pessoas e jovens estariam aproveitando o caos pra praticar crimes?

CB: ((rindo)) *não... eu não vejo assim...* eu acho uma surpresa inclusive a forma como o governo britânico tá encarando e analisando esses acontecimentos...

transformando em *bandidos e::m vândalos e::m predadores né? Milhares de jovens que tão se insurgindo* contra a condição mesmo que eles têm na sociedade inglesa... não é? Eu acho que:: nós precisaríamos ampliar essa análise pra poder entender que em um bairro como Tottenham por exemplo tem trinta e cinco por cento de desemprego entre os jovens de dezesseis a vinte e cinco anos... já sofreu e sofre uma presença intimidatória da polícia constante... na semana anterior a *estes eventos* que ocorreram agora a Scotland Yard tinha autorizado a polícia a fazer vistorias... *a parar transeuntes sem qualquer motivo pra poder ã:: verificar seus documentos e fazer u::m inquérito né?* Isso foi *um endurecimento que tem um caráter intimidatório não é?* E:: quando morre então o Mark assassinado pela polícia segundo todas as indicações não é? Há uma manifestação de cerca de trezentas pessoas... familiares vizinhos que vão à delegacia pedir satisfações... e durante quatro horas eles ficam lá sem resposta... quer dizer.. eu tô entendendo que *há uma falta de canais institucionais... políticos pra apresentar demandas.. e pra:: encarar uma situação que tamém tem os seus reflexos decorrentes da crise financeira... em Tottenham setenta e cinco por cento do dinheiro destinado a:: projetos sociais com esses jovens foi cortado... na semana anterior dos treze centros de cultura jovem do bairro oito foram fechados... então nós tamos vendo um horizonte em que esses jovens... pobres... um bairro multiétnico né? Discriminados por suas origens... na maior parte negros e se usam um capuz por exemplo na rua são parados pra averiguação né? *Esse bairro tem sofrido não é de hoje, não é? Uma constante vigilância.. uma constante discriminação... e esses jovens na verdade com uma educação muito precária...* com a crise que temos hoje no:: sistema mundial com o futuro da economia da Inglaterra.. não veem futuro... não têm emprego e possivelmente não terão... então se se cortam as políticas sociais... eles... explodem em revolta...*

E2: pois é... eu acho que o que impressiona o mundo todo.. é::.. *nestes conflitos é o grande número destes jovens e da violência toda...* se eles não são marginais como cê tá falando... *quem são esses jovens? São estudantes que estavam em férias e seguiram o fluxo da violência?*

CB: não... *são jovens que não encontram emprego.. que têm dificuldade de acesso à escola.. não é? E que:: vivem toda sorte de discriminações...* eu gostaria de fazer por exemplo um paralelo com o que aconteceu em dois mil e cinco em Paris .. não é? A polícia perseguiu um conjunto desses jovens que de medo... por conhecer já a forma intimidatória das interrogações que a polícia faz... três deles

tentaram se esconder numa área de alta tensão de energia elétrica.. e morreram eletrocutados.. dois deles.. dando então margem ao surgimento de uma revolta popular.. jovem.. que acabou queimando dez mil carros em Paris.. né? ***Então vamo separar o que que é:: o evento que poderia ser dito é assim a fúisca.. não é? Na palha de um contexto que é cada vez mais conflitivo e se:: e sem esperanças pra esses jovens... não é?***

E3: agora.. Sílvio.. ***o senhor falou:: vai.. não é... não são marginais né?*** mas eles ***tão cometendo crimes*** e é preciso agir contra ***esses crimes...*** quer dizer... como que a polícia ou o governo vai agir diante de ***uma população que tá fazendo uma uma... promovendo um quebra-quebra desse...*** mas ***não são marginais... são jovens que tão revoltados com a situação...*** quer dizer... é é::... como é que fica a sociedade nesse momento... porque:: ***é:: é muito angustiante você ver... pessoas de bem promovendo ataques como esse né?***

CB: ***você também chamaria de marginais os cem mil jovens estudantes do Chile que se enfrentaram ontem com a polícia?***... quer dizer... e/eu entendo que há:: um impasse né? quer dizer... o governo não atende e não destina políticas e recursos ***pra esse segmento da população.. os jovens... discriminados... de cor... de outras nacionalidades.. dos bairros pobres*** né? e como não tem uma política de fato pra enfrentar ***o problema social*** transforma ***esses jovens em gângsters porque a resposta pra isso então é mais repressão...*** não é? ***E eu acho um equívoco enorme..*** quer dizer:: ***essas indicações elas são um termômetro da sociedade...*** se você percebe que um ato de violência... em um determinado lugar... permite que isso se espraie por outras cidades da Inglaterra... que se amplia em Londres ***esse conflito...*** é porque debaixo... ***desse tecido social né? há muita tensão... há muito conflito... há muita dificuldade pra sobrevivência...***

E2: muito bem... nós conversamos com o sociólogo Sílvio Caccia Bava... muito obrigada pela participação e um bom dia pro senhor

CB: é um prazer...